

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Isabelle Monteiro Arruda

ANDANDO COM A FÉ DE GIL: NO CAMINHO DA CONSCIÊNCIA DE KRISHNA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Arnaldo Érico Huff Júnior

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ISABELLE MONTEIRO ARRUDA**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202372077A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ANDANDO COM A FÉ DE GIL: NO CAMINHO DA CONSCIÊNCIA DE KRISHNA**, desenvolvido durante o período de 04 DE NOVEMBRO DE 2024 a 20 DE MARÇO DE 2025 sob a orientação de ARNALDO ÉRICO HUFF JÚNIOR, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e/ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 18 de março de 2025.

ISABELLE MONTEIRO ARRUDA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

ANDANDO COM A FÉ DE GIL: NO CAMINHO DA CONSCIÊNCIA DE KRISHNA.

Isabelle Monteiro Arruda¹

RESUMO

O presente estudo busca demonstrar a relação entre o movimento religioso conhecido como Movimento Hare Krishna e a música popular, em especial as canções do compositor e cantor brasileiro Gilberto Gil. O artista possui um estreito elo com a espiritualidade e a religiosidade, o qual podemos contemplar em suas obras como “Procissão” (1965), “Retiros Espirituais” (1975), “Andar com Fé” (1982), “Minha Ideologia, Minha Religião” (1985) e tantas outras. A música, como uma das mais importantes expressões culturais existentes, revela a crença e a religiosidade de um povo, tendo sido essencial para o crescimento da prática religiosa difundida pela Associação Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON), fundada no ocidente, no ano de 1966, por Srila Prabhupada. Ao popularizar o movimento, apresentando a cultura religiosa da Índia para o mundo, Srila Prabhupada se tornou uma figura importante no cenário do Movimento da Contracultura. Para este estudo, foram levantados dados orais (através de conversas informais com devotos e simpatizantes do Movimento Hare Krishna), visitas a sites da internet e leituras especializadas no estudo da Ciência da Religião e da filosofia Hare Krishna. Neste contexto, a ópera Amor Azul, apresentada em Salvador, em outubro de 2024, obra de Gilberto Gil e Aldo Brizzi, revela o quanto o Movimento Hare Krishna e a música têm em comum.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Hare Krishna. Srila Prabhupada. Música popular. Gilberto Gil. Ópera Amor Azul.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda algumas questões relacionadas ao movimento religioso que chegou ao ocidente, mais precisamente em Nova Iorque, em 1965, pelas mãos do indiano Bhaktivedanta Swami Prabhupada, ou apenas Srila Prabhupada, como é chamado pelos devotos do movimento. Srila Prabhupada foi o responsável pela fundação da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON), que é mundialmente conhecida como o Movimento Hare Krishna. O Movimento surgiu como um “novo movimento religioso”, porém, com o passar dos anos, foi possível identificar a relação com o Vaishnavismo, considerado um dos ramos do hinduísmo tradicional que se fundamenta nas escrituras védicas Vishu, deus responsável pela vida, morte e salvação dos seres, sendo o deus Krishna sua principal reencarnação (CARVALHO, 2019, p. 210).

Com o crescimento do “novo movimento religioso”, foi na década de 1970 que esta prática espiritual chegou ao Brasil e, em 1978, o líder espiritual Srila Acharyadeva fundou a Fazenda Nova Gokula, localizada na cidade de Pindamonhangaba, São Paulo, reconhecida como a maior comunidade Hare Krishna da América Latina (NOVA GOKULA, 2024). Conheci a comunidade em outubro de 2024, onde pude perceber a manifestação do sagrado, quando os devotos se desligam do mundo cotidiano e submergem num mundo mágico.

O movimento Hare Krishna chegou ao ocidente exatamente no momento em que a juventude estava em busca de novos estilos de vida e não concordava com o conservadorismo do ocidente cristão, preso ao passado e sem caminhar para o futuro prometedor. Sob esse viés, o Movimento da Contracultura e a música popular foram indispensáveis para o desenvolvimento desta prática religiosa, cujo objetivo era alcançar a consciência de Krishna (BALDELLI, 2017, p. 108).

A musicalidade e a espiritualidade andam de mãos dadas, como podemos observar nas canções do compositor e cantor Gilberto Gil. Suas composições são repletas de menções à espiritualidade, que fazem das canções verdadeiras “orações”. Quanto ao hinduísmo, foi na década de 1960, durante a ditadura militar, que Gil se aproximou da religião de tradição védica (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2018). Outra relação do

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, isabelle.arruda@estudante.ufjf.br
Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.
Orientador: Arnaldo Érico Huff Júnior.

compositor com o movimento é a ópera Amor Azul, que detalharemos mais adiante, que narra a história de amor entre o deus Krishna e sua amada Radha, pastora que enche de amor os anos de juventude do deus.

Para a composição do estudo, foram realizadas conversas informais com devotos e simpatizantes do Movimento Hare Krishna na oportunidade em que visitei a comunidade Fazenda Nova Gokula; leituras sobre o estudo do Movimento Hare Krishna e o estudo sobre a espiritualidade e a religiosidade; e um mergulho profundo na obra de Gilberto Gil, com leitura e audição de suas canções.

2. O MOVIMENTO HARE KRISHNA NO OCIDENTE

“Movimento Hare Krishna” é como os devotos chamam a prática espiritual da qual fazem parte, um movimento caracterizado pela devoção ao deus Krishna que foi criado a partir de uma tradição hindu, sendo considerado uma ramificação do hinduísmo.

Prabhupada, fundador desta prática, a definiu como “movimento espiritual”. Em Lisboa, por exemplo, é mais comum defini-la como “movimento cultural”. O termo “movimento” está relacionado com a chegada de Prabhupada aos Estados Unidos da América para a propagação desta prática religiosa, estando o movimento Hare Krishna “sempre em movimento” (BALDELLI, 2017, p. 93).

Bhaktivedanta Swami Prabhupada ou Srila Prabhupada, como é chamado por seus seguidores, foi o guru fundador da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON), que ficou mundialmente conhecida como o Movimento Hare Krishna, uma vez que seus devotos entoavam o mantra Hare Krishna. O guru nasceu em 1896 em Calcutá, Índia, tendo como nome de registro Abhay Charan. Srila Prabhupada é um representante genuíno do conhecimento difundido por Bhaktivedanta dos Vedas, escola que aborda a bhakti-yoga ou o amor devocional ao supremo (BALDELLI, 2017, p. 94). Ele é considerado o trigésimo segundo de uma sucessão de discípulos de mestres que reverenciam o Senhor Brahma, o criador do universo material, o ser vivo primordial. Desde cedo foi educado dentro dos preceitos Bhagavad-Gita, visto que seus pais eram devotos de Krishna, e foi em 1922 que Srila Prabhupada conheceu Bhaktisiddhanta Sarasvatī Thakura, seu guru no Vaishnavismo. Em 1944, deu início às suas publicações na revista Back to Godhead, onde escrevia sobre os ensinamentos adquiridos com seu guru. Prabhupada trabalhava como autor e tradutor, tendo traduzido para o inglês os três volumes do Bhagavata Purana, uma das principais obras da literatura indiana (BALDELLI, 2017, p. 94).

Nesse contexto, aceitou a missão de viajar para o ocidente e espalhar a consciência de Krishna para todo o mundo, e, em 1965, chega em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, com cerca de sete dólares e alguns exemplares do Bhagavata Purana que ele havia traduzido. Para se sustentar, começou a dar aulas no bairro de Bowery (BALDELLI, 2017, p. 94). Logo após sua chegada, em 1966, o mestre fundou a ISKCON, em Nova Iorque, que com o passar dos anos se expandiu para outros lugares do mundo. Srila Prabhupada acreditava que a Sociedade Internacional para Consciência de Krishna era a responsável pelo encontro do Oriente com o Ocidente, ele utilizava a analogia do “cego e o aleijado”, onde a Índia era o aleijado, com conhecimento e visão espiritual, mas que não possuía força para transmiti-los, e o ocidente era o cego, que possuía recurso e força, mas era incapaz de ver a verdade (VALERA, 2002, p. 83).

Há relatos na história que, no início da difusão do movimento, Prabhupada e seus seguidores foram para um parque de Nova Iorque chamado Tompkins Square Park e, ao pé de uma árvore, cantaram mantras e distribuíram alguns folhetos com a frase “Stay high forever” (Permaneça sempre elevado). Seus seguidores, que o reconhecem como mensageiro de Krishna, seguem para São Francisco em 1967 e abrem um templo. Já em 1968, os demais adeptos foram para a Alemanha e a Inglaterra e, em 1970, Srila Prabhupada popularizou os ensinamentos do movimento Hare Krishna na Índia (BALDELLI, 2017, p. 94)

A ISKCON se mantinha por conta dos livros publicados por Srila Prabhupada e vendidos nas ruas das cidades por membros do Movimento. Os devotos presenteavam as pessoas com os livros e depois pediam uma “doação”.

Os livros eram dados para as pessoas que passavam pelas ruas, praças, aeroportos ou dentro dos ônibus e, em contrapartida, era exigida uma “doação”. Foi com essa frágil, porém, rentável arrecadação de fundos que a ISKCON se espalhou pelo mundo. Essa prática de distribuição e venda de livros, além do canto público do mantra Hare Krishna

deu grande visibilidade aos membros da ISKCON na paisagem das grandes cidades do mundo (CARVALHO, 2018, p. 201).

Em Vrindavan, na Índia, no ano de 1977, mais precisamente no dia 14 de novembro, o mestre deixa seu corpo físico, após a abertura de mais de cem templos e depois de ter iniciado no movimento religioso mais de 4000 devotos, que espalharam e popularizaram a consciência de Krishna para todos os lugares do mundo, como Austrália, alguns países da Europa e da África, além das regiões já citadas anteriormente (BALDELLI, 2017, p. 95).

3. A CHEGADA DO MOVIMENTO NO BRASIL

Após chegar aos Estados Unidos da América através de Srila Prabhupada, o movimento Hare Krishna foi propagado para os demais lugares do ocidente, chegando ao Brasil na década de 1970.

Hridayananda Das Goswami ou apenas Srila Acharyadeva, discípulo e amigo de Srila Prabhupada, foi o responsável por expandir a consciência de Krishna na América Latina. O líder espiritual foi o fundador da comunidade Fazenda Nova Gokula em 1978 (NOVA GOKULA, 2024).

Em outubro de 2024, em visita à cidade de Pindamonhangaba, no estado de São Paulo, conheci o santuário espiritual Fazenda Nova Gokula, a maior comunidade Hare Krishna da América Latina. A Fazenda está localizada aos pés da Serra da Mantiqueira, no Vale do Paraíba, onde ocupa uma grande área de proteção ambiental com nascentes de água e fauna e flora abundantes. O santuário pertence a ISKCON, que chegou ao Brasil em 1974, e possui o maior templo em estilo védico sul americano e mais de 15 mil pessoas, que simpatizam com o movimento Hare Krishna, visitam a comunidade por ano (NOVA GOKULA, 2024).

As práticas devocionais dos seguidores da consciência de Krishna abrangem cantos, mantras, danças, meditações e uma alimentação vegetariana. Sob essa perspectiva a comunidade Fazenda Nova Gokula oferece um mergulho na filosofia indiana, observamos que, além do dia a dia, as práticas devocionais também estão presentes nos festivais. No Janmashtami, aniversário de Krishna, e no Ratha Yatra, festival das carruagens, danças, cantos e oferendas compostas por alimentos vegetarianos fazem parte das comemorações. Além dos festivais, há estudos das escrituras védicas, como o Bhagavad-Gita e o Srimad-Bhagavatam, para que os devotos possam se aprofundar na compreensão da consciência de Krishna (NOVA GOKULA, 2024).

Pude observar a experiência do sagrado nos momentos compartilhados com devotos na comunidade religiosa. O Sagrado e o Profano não devem ser pensados como opostos, e sim como uma complementação.

Qualquer esforço de reflexão cuidadoso mostra, de pronto, que, ao pensarmos sagrado e profano como antípodas, destituímos o último termo de qualquer operacionalidade (ele permanece ontologicamente vazio). Onde normalmente se vê oposição, deveríamos ver um continuum. Uma contraposição clara entre *sacrum* e *profanum* não constitui regra geral (MATA, 2010, p. 134).

Na filosofia Hare Krishna podemos mencionar os templos, as cerimônias e o mantra Maha Mantra como exemplos de espaço e tempo sagrados, necessários para uma experiência do divino, e por um instante se desligam do tempo profano, que rege o cotidiano.

Quanto ao espaço, o sagrado permite uma manifestação do divino, já o profano é um espaço neutro. Toda moradia está relacionada ao espaço sagrado, ou seja, em parte ou em sua totalidade, a habitação é santificada e ligada ao mundo e sua criação divina. Um templo religioso, ou qualquer outro local que tenha recebido ao menos um pequeno sinal de sacralidade, é considerado um espaço sagrado. Na Fazenda Nova Gokula, os templos em estilo védicos são exemplos destes espaços onde os devotos se conectam com a manifestação do divino.

No período entre os anos 1970 e 1980, ocorreu o crescimento do movimento Hare Krishna no Brasil e templos e comunidades rurais foram abertas, ainda que o número de devotos fosse pequeno dentro do campo religioso. Os membros das comunidades espalhadas pelo Brasil são importantes representantes da religiosidade oriental (CARVALHO, 2015, p. 2).

Em 1987, foi inaugurada, na região Nordeste do país, a Fazenda Nova Fraja Dhama, uma propriedade localizada em Caruaru, no agreste pernambucano, passando posteriormente a sediar a ISKCON do Norte e do Nordeste. A Fazenda abrigou famílias dos devotos de Krishna, que durante a semana iam às ruas para divulgar o Movimento. Em 1991, a comunidade Nova Fraja Dhama recebeu o título de “Entidade de Utilidade Pública Municipal” (CARVALHO, 2015, p.4).

Apenas no ano 2000, o Hare Krishna apareceu como religião nos registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com 1.679 devotos e, dez anos depois, 2.334 pessoas declararam o Hare Krishna como religião (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Outras comunidades estão espalhadas pelo Brasil, como por exemplo a Goura Vrindavana, localizada em Paraty, no Rio de Janeiro, o Templo Hare Krishna de São Paulo e o Centro Cultural Hare Krishna de Manaus, no Amazonas. Todas, independentemente da localidade, vivem de acordo com as regras do Movimento, respeitando as escrituras védicas, como o Bhagavad-Gita, livro sagrado do movimento, sempre em busca de desenvolver uma consciência de Krishna.

4. O MOVIMENTO HARE KRISHNA, A CONTRACULTURA E A MÚSICA POPULAR NO OCIDENTE.

Srila Prabhupada, ao popularizar o movimento religioso e apresentar a cultura védica para o mundo, se firmou como uma importante figura do Movimento da Contracultura Norte-Americano. Artistas e músicos estavam entre seus primeiros devotos e foram primordiais na popularização desta prática religiosa.

O termo contracultura passou a ser utilizado após a publicação da obra "The Making of a Counter Culture" (A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil), do escritor Theodore Roszak em 1969 (BALDELLI, 2017, p. 95). O livro narra a juventude dos Estados Unidos da América nos anos 1960, que se manifestava contra os valores protestantes da época e o capitalismo crescente. O termo contracultura é utilizado para caracterizar o fenômeno social, cultural e político que ocorreu, em primeiro lugar, nos Estados Unidos e, posteriormente, em outros países. Iniciado nos anos 1960, contudo, é referente aos acontecimentos ocorridos desde os anos 1950 e que se estenderam até meados de 1970, entre os principais podemos citar os movimentos relacionados às mulheres, aos homossexuais, aos estudantes e à Guerra do Vietnã, essa última é vista como a responsável por unir mais jovens a favor de uma única causa (BALDELLI, 2017, p. 96).

Neste contexto, o movimento Hare Krishna surge no país norte-americano exatamente no momento onde os jovens buscam algum refúgio, uma época onde a política e a cultura foram ideais para implementação da filosofia hindu. O Movimento da Contracultura e a música popular foram fundamentais para propagar as práticas religiosas difundidas pelo movimento Hare Krishna, bem como de outros movimentos originários da Índia, uma vez que os jovens estavam em busca de novos estilos de vida (BALDELLI, 2017, p. 92).

Dessa forma, houve o envolvimento da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna com a banda Os Beatles e com Allen Ginsberg, símbolo da contracultura, o qual foi determinante para propagar esta prática espiritual e o estilo de vida livre. Este envolvimento terminou na organização do festival “*Mantra Rock Dance*”, na cidade norte-americana de São Francisco, momento marcante para o Movimento Hare Krishna, para a Contracultura e para a música popular (BALDELLI, 2017, p. 107).

Foi então em 1967, que o Movimento Hare Krishna organizou um festival chamado *Mantra Rock Dance*, no Avalon Ballroom, em São Francisco. Este evento é visto pelos devotos como divisor de águas na popularização do Movimento Hare Krishna. Bandas como Grateful Dead, Janis Joplin, Jefferson Airplane, entre outras, foram convidadas a participar do evento, além do poeta ícone da contracultura Allan Ginsberg (BALDELLI, 2017, p. 107).

Muitos jovens se converteram às práticas religiosas ligadas ao Oriente, buscavam o novo, que ia de encontro às práticas religiosas tradicionais, como o catolicismo, o judaísmo e o protestantismo. Estavam à procura de algo que os fizessem se conectar com o divino, com um ser superior. Para o sociólogo Émile Durkheim, tudo aquilo que identificamos como “superior” e está coberto de “tabus” é considerado sagrado, já para o escritor Mircea Eliade, o sagrado é aquilo que desperta no indivíduo dependência, pequenez e terror (DURKHEIM, 1917; ELIADE, 1986, apud MATA, 2010, p. 132).

As pessoas buscam nas religiões, fugir do universo prosaico, aquele chamado de tempo profano, através de momentos sagrados, relacionados ao mito, mergulham num tempo interrompido, indefinidamente recuperável. E como recuperar o tempo sagrado? Através de festas religiosas, de momentos vivenciados na presença de deuses, onde a música tem grande importância. O homem, ao participar do sagrado, é presenteado ao eterno encontro com o mesmo tempo mítico da origem, quando saiu das mãos do Criador (ELIADE, 1992, p. 44).

Por que o homem religioso necessita tanto do tempo sagrado? Para enfrentar as dificuldades do tempo profano, considerado o tempo histórico, onde toda existência humana ocorre, ele necessita da comunicação com o mundo divino e de viver o mais próximo dos deuses.

Esse comportamento em relação ao Tempo basta para distinguir o homem religioso do homem não religioso. O primeiro recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, chamamos de “presente histórico”; esforça-se por voltar a unir-se a um Tempo sagrado que, de certo ponto de vista, pode ser equiparado à “Eternidade” (ELIADE, 1992, p. 39).

A música está diretamente relacionada ao sagrado, bem como ao movimento Hare Krishna, bandas e músicos, devotos da prática religiosa, influenciavam os jovens da época. Entre elas podemos citar Os Beatles como a banda com maior influência na busca por um novo estilo de vida, suas músicas falavam de amor livre, drogas, paz, misticismo e eram compostas por sons e imagens relacionados ao Ocidente, foi a primeira banda a fazer uma ligação com a música popular e a música indiana (BALDELLI, 2017, p. 99). A banda chegou a viajar para Rishikesh, na Índia, em 1968, onde encontrou com o guru Maharishi Mahesh Yogi para prática da Meditação Transcendental, contudo o único músico da banda que se envolveu profundamente com a religião oriental foi o guitarrista George Harrison (BALDELLI, 2017, p. 100). A canção “*My Sweet Lord*” (Meu doce Senhor), composta por George Harrison, demonstra uma busca espiritual e um desejo de se conectar com o Senhor, exemplo da relação música e Movimento Hare Krishna.

É importante ressaltar que Srila Prabhupada não foi o primeiro a divulgar a filosofia oriental nos Estados Unidos da América, Maharishi Mahesh Yogi, o guru que recebeu os Beatles na Índia, foi o primeiro a se popularizar entre os jovens inseridos no Movimento da Contracultura, mesmo não possuindo as credenciais necessárias para ser um guru “verdadeiro”. Maharishi chegou aos Estados Unidos em 1959, seis anos antes de Prabhupada, contudo também não foi o primeiro guru a chegar no território americano, e sim Swami Vivekananda, que chegou em 1893 e foi o responsável por introduzir no ocidente o Bhagavad Gita, considerado o mais importante texto védico, que relata a conversa entre Krishna e seu devoto Arjuna (BALDELLI, 2017, p. 102). Os gurus que chegaram ao país norte-americano possuíam o mesmo objetivo: divulgar a filosofia indiana para que o ser humano alcançasse o desenvolvimento pessoal. Obtiveram sucesso justamente por oferecerem aquilo que os americanos estavam à procura na época.

Na tríade, Movimento Hare Krishna, Movimento de Contracultura e a música popular, não podemos deixar de mencionar Ravi Shankar, personalidade importante na divulgação e na popularização da filosofia oriental e também na inclusão de instrumentos e gêneros musicais indianos na música popular no ocidente, sendo alçado ao posto de astro quando George Harrison passou a ser seu discípulo (BALDELLI, 2017, p. 103).

Já no Brasil, o Movimento de Contracultura não causou tantos efeitos como em outros lugares do ocidente, ainda que tenha chegado com atraso, uma das marcas foi exatamente o orientalismo religioso, caracterizado pela busca por uma espiritualidade diversa daquela tradicional que dominava a sociedade da época (GUERRIERO, 2009, p. 01).

Em 1974, chegou ao Brasil a ISKCON, quase dez anos após a sua chegada nos Estados Unidos, em um momento obscuro onde o país passava pela ditadura militar. Jovens brasileiros, assim como os americanos, buscavam um novo estilo de vida, fascinados pelos ideais da contracultura seguiam o movimento religioso propagado por Srila Prabhupada.

Manifestações pertinentes aos movimentos das mulheres, dos estudantes, dos homossexuais e dos movimentos ecológicos estavam ligadas diretamente ao Movimento de Contracultura, fenômeno que criticava o sistema vigente na sociedade. Essas manifestações mantinham relações com o Movimento Hare Krishna que se propagava no Brasil, onde os devotos de Krishna buscavam uma maneira alternativa de viver, na qual a vivência comunitária religiosa era vista como a condensação da relação homem e natureza (GUERRIERO, 2009, p. 7).

No campo cultural, Rogério Duarte, artista gráfico, conceituado no cenário intelectual brasileiro nos anos 1960 e 1970, foi o mentor intelectual do Tropicalismo, movimento cultural da década de 1960 que também ficou conhecido como o outro lado da repressão e do golpe militar. O Tropicalismo era cercado por uma religiosidade e flertava com as religiões orientais, como vemos na letra “Oriente” (1978) do compositor baiano Gilberto Gil. Duarte criou as principais capas de discos do movimento, participando ainda como coautor de algumas músicas de Gilberto Gil e Caetano Veloso (SOMBRA, 2012). Em 1968, Duarte foi preso e torturado pela ditadura. Assim como nos Estados Unidos da América, os brasileiros também estavam em busca de uma conexão com o sagrado. Rogério então buscou o Movimento Hare Krishna no intuito de alcançar a consciência de Krishna. Posteriormente, passou a se dedicar às traduções dos textos em sânscrito, língua ancestral do Nepal e da Índia e de grande importância para o hinduísmo.

Bhagavad Gita foi traduzido em versos por Duarte, que também lançou um CD, “Canções do Divino Mestre” (1998), com participação de grandes nomes da Música Popular Brasileira, entre eles Gal Costa, Elba Ramalho, Tom Zé, Lenine, Titãs, Gilberto Gil e Chico César.

Eu não vivi na Índia materialmente, mas posso dizer que vivi na Índia espiritualmente, porque sou discípulo de um discípulo de Prabhupada. Eu tenho até um nome iniciático, meu nome é Raghunatha, que significa senhor da dinastia de Raghu, que é um dos nomes de Krishna ou seus cognomes, títulos, têm milhares e milhares de nomes... E acrescido da palavra Dasa, que significa servo (DUARTE, 1998).

Duarte continuou com suas traduções e, ao traduzir o texto indiano Gita Govinda, surgiu a ideia da obra Amor Azul (2024), que falaremos mais adiante.

Para o escritor Silas Guerriero, os devotos do Movimento Hare Krishna se distanciaram do movimento da contracultura.

Hippies, astrólogos, adeptos de comunidades alternativas ou simplesmente apreciadores da mensagem psicodélica do musical Hair ainda existem em pequenas brechas da nossa sociedade. Devotos de Krishna também. Se os primeiros guardam traços residuais diacríticos identitários com a contracultura, os últimos parecem dela ter se afastado. Porém, todos fazem parte de uma mudança mais ampla, ainda em curso, que dá uma nova forma ao espírito de nossa época (GUERRIERO, 2009, p. 08).

As tradições religiosas orientais se popularizaram e chegaram às músicas brasileiras, podemos citar o músico e compositor Nando Reis com sua composição “Mantra” (2004), que mergulha no mundo espiritual e faz uso do mantra Hare Krishna em seu refrão, bem como o álbum “Choveu Mantra no Sertão” (2009), do Quinteto Violado e o cantor de mantra Chandramukha Swami, o álbum é composto por canções que misturam os mantras indianos com o universo nordestino em canções como “Nama On”, “Menina Radha”, “Govinda Maracatu”, “Jagannatha” e outras.

Tomas Lima Homem de Bem, Karana, o grupo Vraja Mandala também são alguns dos artistas que possuem reconhecimento no meio artístico do universo Hare Krishna.

No presente artigo, vamos particularmente falar mais adiante do compositor Gilberto Gil, que faz uma imersão no mundo espiritual de uma maneira universal.

5. O MANTRA HARE KRISHNA

Maha Mantra ou mantra do Senhor Krishna são nomes dados ao mantra Hare Krishna, composto por 16 palavras e usado para ligação com o divino supremo. O Maha Mantra faz parte da tradição Vaishnava do Hinduísmo há séculos e posteriormente foi adotado pela ISKCON, responsável por sua difusão mundial (NOVA GOKULA, 2024).

Hare Krishna, Hare Krishna
Krishna Krishna, Hare Hare
Hare Rama, Hare Rama,
Rama Rama, Hare Hare

O canto é um verso sagrado em sânscrito composto pelas palavras “Hare”, “Krishna” e “Rama”, nomes dos deuses hindus e suas energias, sendo Krishna uma palavra relacionada a verdade suprema, a fonte de tudo que existe; Rama significa o reservatório de prazer e está relacionado ao Senhor Krishna, conhecido como Radha-Raman, o amado de Radha; e Hare é uma invocação ao aspecto feminino divino de Deus. Ao serem colocados juntos, como no canto sagrado, é um chamamento às energias divinas masculinas e femininas, ao entoar o verso os devotos e simpatizantes da filosofia Hare Krishna estão se dirigindo diretamente a Deus e sua energia (NOVA GOKULA, 2024).

O mantra do Senhor Krishna é considerado a essência universal de todos os mantras, que ultrapassa fronteiras religiosas, geográficas e culturais, por isso é conhecido por Maha (Grande) Mantra.

Adeptos da filosofia afirmam que ao entoar o mantra do Senhor Krishna é como ouvir a voz de Deus e unir-se diretamente com o divino, é uma forma de trabalhar a saúde física, emocional e mental além da espiritualidade. O mantra Hare Krishna desperta o amor por Krishna e um despertar espiritual.

6. O COMPOSITOR GILBERTO GIL

O cantor e compositor Gilberto Passos Gil Moreira, mundialmente conhecido como Gilberto Gil, nasceu em Salvador, em 1942, e iniciou sua carreira nos anos 50. O músico ganhou importantes prêmios ao longo de sua carreira, entre eles o Grammy Awards e Grammy Latino, participou da vida política como ministro da Cultura entre 2003 e 2008 e foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 20 em 2021.

O próprio artista afirmou certa vez: “Eu soube que a música era a minha linguagem, mesmo. Que a música ia me levar a conhecer o mundo, ia me levar a outras terras. Porque eu achava que tinha música da terra e a música do céu” (GIL, 2020).

A religiosidade teve forte influência em suas composições, Gil, adepto do Candomblé, “conversa” com Deus de diferentes maneiras em suas canções. O músico afirmou em 2020, em entrevista no Forte de Santo Antônio Além do Carmo, ponto histórico de Salvador, que em sua infância compreendia a vida a partir de uma religiosidade católica e no decorrer de sua vida foi descobrindo a filosofia, a ciência e outras formas de interpretar a realidade. Afirmou ser um admirador da fé, independentemente da religião. “Eu gosto de todos aqueles que têm fé, que acreditam e que estão ligados a religiões que, em sua maioria, têm relações com o bem fazer e o bem querer. Eu gosto da bondade e defendo. Até brigo por ela” (GIL, 2020).

A seguir, vamos superficialmente, exemplificar algumas dessas obras onde a religiosidade e o sagrado estão presentes.

A Religião Católica Romana, está presente na música “Procissão”, lançada em 1965, onde o músico critica uma sociedade entranhada na religião, sendo a fé a única fonte de esperança do povo sertanejo (SORROCE; SOUZA, 2012, p. 84).

Muita gente se arvora a ser Deus
E promete tanta coisa pro sertão
Que vai dar um vestido pra Maria
E promete um roçado pro João
Entra ano, sai ano, e nada vem
Meu sertão continua ao deus-dará
Mas existe Jesus no firmamento
Cá na Terra isto tem que se acabar (GIL, 1965)

“Se eu quiser falar com Deus”, de 1981, é mais uma das lindas obras de Gil, onde revela a fé, a crença e os costumes de um povo. Na música vemos uma religiosidade onde Deus é para todos e vai além das religiões de uma maioria da sociedade. Na composição, para falar com Deus é necessário apenas o “homem” e o “divino”, onde o “eu” olha para dentro de si, não precisa ser católico, protestante, adepto de religiões africanas ou ameríndias, o compositor não cita uma religião singular, ele fala da religiosidade de forma plural.

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós (GIL, 1981).

Outra canção onde Gil fala de momentos sagrados e menciona a fé, mas sem mencionar uma religião particular, é “Andar com Fé” (1982). Na canção, Gil vê a fé como uma força indomável, de tão generosa a fé acompanha até mesmo quem não possui o sentimento de crença.

Mesmo a quem não tem fé
A fé costuma acompanhar
Oh, oh
Pelo sim, pelo não
Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá (GIL; VELOSO, 1982)

São inúmeras as obras onde Gil canta a espiritualidade, verdadeiras “orações” e “rezas”, sem estarem diretamente conectadas a uma ou outra religião específica, um momento sagrado de conversa íntima entre o homem e o divino. “Envolvida por tantos aprendizados, a fé de Gil foi ganhando a forma de um mosaico, onde se arregimentam várias coisas. Uma fé que abraça as diferenças e que vibra sob o toque da sede de Unidade” (TEIXEIRA, 2018).

“Minha Ideologia, Minha Religião” (1985), “Afoxé” (1982), “Guerra Santa” (1997), “Patuscada de Gandhi” (1977) e “Babá Alapalá” (1977), são outros exemplos de “rezas” compostas por Gil onde ele canta a essência da vida e as crenças pessoais, celebra a ancestralidade e a espiritualidade relacionada ao Candomblé e até utiliza a arte para lutar contra a opressão. Músicas de Gil que conectam com a espiritualidade é que não faltam, porém, nos concentraremos na ligação de Gilberto Gil com a filosofia Hare Krishna.

Conforme já mencionado anteriormente, Gil tem uma relação muito forte com o sagrado, e quanto ao hinduísmo, foi durante a ditadura militar, na década de 1960, que ocorreu a aproximação de Gil e as tradições espirituais e religiosas da Índia. O compositor foi preso no dia 27 de dezembro de 1968, libertado em 19 de fevereiro de 1969 e em julho do mesmo ano vai para Londres, ficando exilado até janeiro de 1972. Foi na prisão que Gil desenvolveu sua vida espiritual, leu sobre alimentação macrobiótica, ioga e iniciou exercícios de relaxamento e respiração, posteriormente colocou toda sua experiência nas letras de músicas, como “Cérebro Eletrônico” (1969) e “Preciso aprender a ser só” (1973), que refletem um momento de interiorização e intimidade com uma religiosidade (TEIXEIRA, 2018).

Em 1982, Gilberto Gil aparece cantando o mantra Hare Krishna junto com sua amiga, a atriz Regina Casé, num show registrado pelo fotógrafo Mario Luiz Thompson. Regina Casé afirmou certa vez que: “Sempre me interessei por meditação, retiro espiritual e temas afins. Esse lado esotérico, é só com Gil. Com Caetano, acho que é uma relação mais mundana.” (CASÉ)

Ao receber um convite para compor sobre o amor do deus Krishna e a mortal Radha, Gil recorda crenças e sua extensa carreira.

Voltar é um pequeno desafio, é me colocar num plano de uma emoção variada, diferente da que o simples fazer canções e apresentá-las significa. Tudo ganha um contexto mais denso, mais amplo, com personagens múltiplos. Não são mais os três personagens folk de “Domingo no Parque”(1968). Aqui estamos falando de deuses e deusas (GIL, 2024).

O compositor afirma que suas músicas devem ser, além de outras coisas, uma emanção final de um sopro de espiritualidade. (GIL, 2024)

7. KRISHNA E RADHA

Antes de nos aprofundarmos sobre a ópera “Amor Azul” (2024), que fala sobre a história de amor do deus Krishna e da mortal Radha, iremos contar um pouco desse amor.

No hinduísmo o amor é representado por Radha e Krishna e é o ideal de amor mais puro que possa existir, onde um não existe sem o outro, um amor divino.

Começaremos por Krishna, Ele é a mais importante reencarnação do deus Vishnu que junto com Shiva e Brahma fazem parte da suprema trindade hindu. É a oitava reencarnação de Vishnu, representada por um belo e forte jovem, filho do príncipe Vasudeva e da princesa Devaki. Seus pais viviam em Mathura, cidade governada pelo rei Kamsa, irmão de Devaki. O rei era extremamente desumano e para acabar com as atrocidades cometidas no reino, Bhumi Devi, a Mãe Terra assumiu a forma de uma vaca e pediu ajuda ao deus Brahma, que por sua vez pediu ajuda ao deus Vishnu, que desceu acompanhado de sua serpente Shesha Naga à cidade de Mathura. Sua voz ecoou no céu proferindo que o oitavo filho de Vasudeva e Devaki seria responsável pela destruição do rei Kamsa (BRITO, 2016).

Kamsa ao ouvir a voz de Vishnu, aprisionou Vasudeva e Devaki, assim todos os filhos seriam entregues a ele e, posteriormente, seriam mortos, porém não contava que Vishnu salvaria o oitavo filho do casal. A criança foi levada para vila de Gokul e trocado pela filha de Yasoda, que era a reencarnação da deusa Devi. A criança disse a Kamsa que seu verdadeiro inimigo estava vivo e voltaria para destruí-lo. Kamsa em sua fúria mandou matar todos os garotos recém-nascidos de Mathura, mas Krishna estava a salvo longe do reino e levava uma vida alegre no campo (BRITO, 2016).

Radha, também chamada de Radhika, Madhavi, Radharani, é considerada um avatar de Lakshmi, deusa hindu, esposa de Vishnu, considerada a deusa da luz, beleza, boa sorte e riqueza. Radha vivia na cidade de Barsana, foi criada por sua avó materna após perder sua mãe aos seis anos e ver seu pai se mudar para Vrindavana com suas duas esposas (BRITO, 2016).

Com a morte de sua avó, Radha teve que se mudar para a casa de seu pai, que havia prometido a filha ao jovem Aiyana, ela tinha onze anos de idade. Entretanto, antes de chegar em Vrindavana, ela se hospedou na casa de familiares em Gokul, ali conheceu Krishna, que estava com sete anos, imediatamente sentiram que jamais iriam se separar (SAHAJ, 2011).

Krishna posteriormente se muda para Vrindavana e mais uma vez encontra Radha. Krishna conversa com seus pais, que a princípio eram contra o casamento, porém consegue convencê-los sobre a união. No entanto, ocorre que Krishna teve que retornar à Mathura para cumprir seu destino, que era acabar com Kamsa (SAHAJ, 2011).

Radha, por ser uma camponesa, não acompanha Krishna à Mathura. Uma vez que o deus possuía uma linhagem real, ela se sentiu melhor ficando em Vrindavana. “Deixa que eu continue em Vrindavana cuidando de teu pai e de tua mãe“ (SAHAJ, 2011).

O amor de Krishna e Radha é considerado o amor mais puro e verdadeiro que existe, eles se amaram desde o primeiro momento que se conheceram, porém Krishna teve que retornar à Mathura e Radha permaneceu em Vrindavana. Assim, eles tiveram que deixar de lado o amor pessoal e colocar sentimentos como justiça e prosperidade em primeiro lugar.

Nunca mais o casal se reencontrou. Krishna casou várias vezes, contudo seu amor por Radha é divino e puro, por isso Radha é considerada uma divindade. Radha é a alma, a energia, e Krishna é o deus possuidor da energia.

A tradição diz que Radha acompanha Krishna em todas as suas encarnações. A divindade é adorada como a deusa do amor, da ternura, da compaixão e da devoção, sua forma humana é reverenciada como a Gopi de Vrindavana (CARVALHO, 2024, p. 41).

Na literatura indiana, Radha, além de aparecer como um avatar de Lakshmi, aparece também como Mahadevi, como Radha-Krishna e como Devi. Radha e Krishna são descritos como divinos em um amor humano e estiveram na Terra há mais de 5000 mil anos, são os aspectos masculinos e femininos de Deus, são a plena manifestação de Deus.

Bhagavata Purana, uma das principais obras da literatura indiana, que traduzido do sânscrito significa “O livro de Deus”, é uma história contada por um grande sábio Suta Gosvami sobre histórias que ele ouviu de outro sábio Sukadeva Gosvami. A obra não menciona diretamente Radha e Krishna, mas descreve suas aventuras amorosas. No décimo canto da obra há versos conhecidos como Gopi Gita, que trazem um louvor das vaqueiras (gopis) a Krishna, onde uma entrega total por parte das vaqueiras é observada (CARVALHO, 2024, p.37).

A vila de Barsana, também conhecida por Varsana, é famosa pela devoção popular a Radha, que passou sua infância no local. Em uma outra versão, Radha é apresentada como filha de Vrsabhanu, rei de Barsana, que encontrou sua filha flutuando em um lótus no rio Yamuna, outros narram que Radha foi encontrada pelo pai quando estava trabalhando. Vrsabhanu e sua esposa, Kirtida, criaram Radha, porém a

menina não abria os olhos. Radha era nove meses mais velha que Krishna e ela abriu os olhos somente quando Krishna apareceu para ela (CARVALHO, 2024, p. 38).

Krishna e Radha nunca se casaram, foram amantes e, quando questionado, Krishna explicava que o casamento é a união de duas almas e ele e Radha são uma alma apenas. Radha é tida como o lado feminino de Deus, é a própria manifestação pessoal do amor divino, Krishna encanta o mundo, mas Radha encanta o próprio Krishna, por isso é a deusa suprema de tudo. Radha e Krishna são um (CARVALHO, 2024, p. 38).

Vários textos glorificam e colocam Radha como superior a Krishna, uma vez que sem Radha não há sentido para Krishna. Radha é a mãe Hara que dentro do mantra é Hare, ao entoar o mantra Hare Krishna os devotos se dirigem em primeiro lugar à Radha para que possam obter Krishna, por isso Radha é o centro devocional de todo Vaishnavismo Gaudiya, seja como mediadora ou mesmo objeto final da devoção.

Chandramukha Swami, líder espiritual da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna, foi o primeiro a escrever um livro dedicado a Radha em português. O monge vaishnava, especialista nos estudos da Bhagavad Gita há mais de 40 anos, explica a característica mediadora de Radha, já que, através de sua misericórdia, Krishna pode ser alcançado, e até o mais insignificante e desqualificado será aceito pelo deus, já que foi recomendado por Radha (CARVALHO, 2024, p. 40).

O amor imaculado entre homem e mulher foi mostrado ao mundo através de Krishna e Radha, um amor que transcendeu a leis e padrões seculares, e é esse amor que é cantado na ópera Amor Azul (2024).

8. ÓPERA AMOR AZUL.

A ópera Amor Azul² (2024) é uma obra que expressa o amor entre o deus hindu Krishna, que iluminou o mundo e deu fim à escuridão, e a pastora Radha.

Rogério Duarte (2016), importante intelectual brasileiro pertencente ao mundo cultural, profundo admirador da cultura indiana e seguidor do Movimento Hare Krishna, foi o responsável pelo surgimento da obra. Em 2007, o artista estava traduzindo o poema do compositor Jayadeva Goswami, grande poeta literário da cultura védica, quando convidou o maestro italiano Aldo Brizzi para compor canções que acompanhassem o texto. Brizzi, por sua vez, convidou Gil para participar das composições. Sete anos foi o tempo que Gil e Brizzi levaram para concluir a obra. “É um poema de mais de mil anos atrás que trata de vários deuses indianos e tramas afetivas e amorosas entre eles, o amor de Krishna e Radha, dois grandes personagens místicos e míticos da tradição hindu.” (GIL). O maestro explica que Gita Govinda, inscrita no século XII por Jayadeva Goswami, foi a inspiração para Amor Azul (2024).

Brizzi, radicado em Salvador, se encontrava com Gil em sua casa na capital baiana para dar vida às canções. Escrevia em italiano e o tradutor André Vallias teve grande importância no projeto, participando das traduções.

Gil explica as motivações que levaram a aceitar o convite:

O que me fez achar razoável o convite do Rogério e do Aldo foi todo aquele universo místico da cultura indiana, da cultura védica, tudo aquilo sempre me interessou muito. Foi um período da minha vida que eu me dediquei ao estudo raso, razoável, dos grandes personagens hinduístas, por volta dos anos 60, por aí, e que se intensifica quando sou preso, no fim de 68, mas o grande catalisador foi Rogério mesmo (GIL, 2004).

O músico brasileiro Gilberto Gil e o maestro italiano Aldo Brizzi compuseram 47 canções, que contam a história de amor. Aproximadamente 150 artistas compartilham o palco; músicos, cantores, solistas e bailarinos enaltecem o canto lírico, a música popular brasileira, a dança tradicional indiana, o amor entre Krishna e Radha e a energia espiritual do movimento Hare Krishna.

A ópera transcorre numa Índia divina e eterna, onde Gil dá vida ao poeta Jayadeva Goswami e narra a história de amor entre Krishna e Radha. Gil interpreta também o deus Vishnu, o protetor do universo. O público é presenteado com 20 lindas canções cantadas pelo músico.

Em outubro de 2024, a ópera Amor Azul chegou a Salvador, após passar por Paris e São Paulo, e todas as apresentações foram um sucesso absoluto. Os jornais Le Monde e Folha de São Paulo publicaram

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9PXV-pzJs7g>

as seguintes declarações: “aqueles que já visitaram a ‘Maison’ mil vezes nos garantem: desde que se lembram, nunca tinham visto os membros da Orquestra e do Coro da Radio France balançando a cabeça com tanto entusiasmo após um show” (LE MONDE). “Em uma Sala São Paulo lotada, Gilberto Gil, de 82 anos, revelou a resolução de sua obra artística, que definiu os rumos da canção brasileira no século 20. E a ópera abrigaria a maximização de tal pensamento - uma espiritualidade irrestrita que ganhou a forma de uma história de amor magnânima” (FOLHA DE SÃO PAULO). Já apresentação em Salvador foi realizada na Concha Acústica, e celebrada por Brizzi “Essa música foi feita na Bahia, lugar ideal para oferecer ao público baiano essa novidade de Gil. São músicas novas e inéditas ainda não apresentadas na cidade onde foram compostas ” (BRIZZI)

A espiritualidade musical de Gilberto Gil é sempre ressaltada por todos, com o diretor de produção Glauber Amaral não foi diferente, além da espiritualidade musical, falou sobre a sutileza dos tambores de candomblé que dão vida à obra Amor Azul (2024). O popular e o lírico se embarçam com o samba, com o afoxé e com a bossa nova, por sua vez, todos se misturam com a percussão baiana e o veena, instrumento de corda indiano, e é essa fusão que faz da ópera Amor Azul (2024) um lindo espetáculo, repleto de momentos mágicos e espiritualizados.

A música tem o dom de mexer com os ouvintes, exerce um poder sobre as pessoas, onde sentimentos como saudade e esperança são tocados de uma forma pessoal e extraordinária.

Nosso canto, nossa música, nossa dança são, a cada vez, lugares de experimentar, não apenas de passagem. Neles, saudades são sentidas. Neles, esperanças são vividas. Daí o grande potencial humanizador da música, da poesia, da religião. Porque realizam algo que é do humano. Porque potencializam sonhos e esperanças. Porque magnificam os horizontes. Porque levam a dimensões da existência que são esquecidas em meio à crueza e a brutalidade do cotidiano. A música nos lembra quem somos, quem fomos, ou quem queremos ainda ser. A música nos junta a nós mesmos. Nos une aos outros. A música faz querer viver (HUFF JÚNIOR, 2021, P.73).

Tantas são as religiões que avistam na música algo sagrado, relacionado ao divino. A Umbanda, religião brasileira, que sintetiza elementos do Candomblé, do Espiritismo e do Catolicismo, utiliza pontos cantados em seus rituais, o Candomblé, religião de matriz africana, possui cerca de 28 ritmos que são utilizados para conexão com o sagrado, Ijexá, Alujá e Opanijé são alguns deles. Os povos indígenas também utilizam a música em seus rituais religiosos, associando-a a algo mágico e transcendental, assim como os mantras invocados pelos devotos da consciência para Krishna.

Para Rubem Alves (2014), a música está diretamente relacionada à alienação, no sentido de “pertencer a um outro”, ele afirma que é transportado de um mundo mesquinho para outro de beleza e perfeição. “Nesse outro mundo eu me liberto da pequenez e picuinhas do meu cotidiano e experimento, ainda que momentaneamente, uma felicidade divina” (ALVES, 2003).

A música tem um poder de tocar a alma dos ouvintes, transportando-os para lugares e tempos mágicos, diferentes daqueles do dia a dia. Os ouvintes são presenteados com experiências que vão desde o encontro com o colo de uma mãe que já se foi, até uma roda de amigos que ficaram para trás ou uma paixão da adolescência. Uma experiência que precisa ser recebida internamente e vivida individualmente, corporalmente (HUFF JÚNIOR, 2024, p.6). “Ouvir música é oração” (ALVES, 2003), ao ouvir uma música, o escritor “ouvia” o silêncio e, a partir desta calma, se transportava a momentos vividos ou mesmo a um passado que nunca ocorreu. Via ainda a música como terapêutica, com o poder da cura acreditava que os médicos deveriam receitar aos seus pacientes, juntos com os remédios, a música (ALVES, 2003).

Na obra Amor Azul (2024) não é diferente, Brizzi, Gil e outros artistas externam o amor, a paixão e o desejo entre a humana Radha e o deus Krishna, que conduzem a um momento encantado, à uma experiência do sagrado, aquele triz de intimidade com uma manifestação do divino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado sobre o movimento Hare Krishna e a música popular, em especial as canções do compositor baiano Gilberto Gil, demonstra que as práticas espirituais, religiosas e musicais estão diretamente relacionadas quando dialogamos sobre o Movimento Hare Krishna. Os devotos de Krishna se conectam com a experiência do divino por meio da música e da dança, é dessa forma que a consciência de

Krishna pode ser alcançada, onde, de certa forma, há a suspensão do tempo profano, aquele relacionado ao cotidiano, e ocorre o encontro com o tempo e o espaço sagrados, ligados ao mítico.

A relação dos gurus que vieram para o ocidente, em especial de Srila Prabhupada, com o cenário político e cultural dos Estados Unidos da América foi essencial para o crescimento do Movimento Hare Krishna no mundo. A filosofia hindu, com seus mantras e danças, foi recebida de braços abertos pelos jovens americanos que buscavam novos estilos de vida, que iam de encontro aos padrões sociais impostos por seu país.

A espiritualidade pode ser percebida em múltiplas composições de Gilberto Gil, onde ele caminha por diversas religiões, e, ao mesmo tempo, não se fixa em nenhuma, pois a transcendência não depende de uma religião em si, e sim é um encontro com o “seu eu”, um encontro com o “seu Deus”, independente da sua crença.

Quando a música vai além do espaço e do tempo profano, quando a alma vibra, é o momento onde a religião e a música se tocam, é aqui que a mágica acontece e a experiência do sagrado ocorre.

A música e a vida andam juntas, por vezes podem até ser confundidas. Para o escritor Artur da Távora (2008), “Música é vida interior. E quem tem a vida interior jamais está sozinho”, já Faustino Teixeira certa vez escreveu: “Num ritmo de otimismo que encanta, Gil vai tecendo o seu encanto com as marcas da alegria, como um hino de celebração da vida” (TEIXEIRA, ano).

Gilberto Gil canta e encanta, na ópera Amor Azul (2024), com uma viagem à Índia, aos terreiros de Candomblé e de Umbanda, ele conduz a manifestação do sagrado, à uma experiência do divino, aquele momento de sonho, de imaginação, onde o tempo moderno, o momento kronos, é deixado para trás.

Com toda sua espiritualidade, Gil nos convida a “falar com Deus”, não importa como e quando, não importa qual Deus, não importa qual religião, o importante é a Fé, sempre celebrada por Gil em suas canções.

Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá
Oh, menina
Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá
A fé 'tá na manhã
A fé 'tá no anoitecer
Oh, oh
No calor do verão (GIL, 1982)

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. A alegria da música. **Revista Prosa, Verso e Arte**, 03 ago. 2022. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/a-alegria-da-musica-rubem-alves/#goog_rewarded> Acesso em 16 fev. 2025.

A-Z SAHAJ. **História de Shri Krishna e Shri Radha**, 07 abr. 2021. Disponível em: <<https://sahaj-az-pt.blogspot.com/2011/04/historia-de-shri-krishna-e-shri-radha>> Acesso em 06 fev. 2025.

BALDELLI, Débora. Movimento Hare Krishna, contracultura e música popular. **Revista Debates**, UNIRIO, Rio de Janeiro, n.19, nov. 2017, p. 9-111.

BRITO, Rafael. **A História de Krishna**, 11 set. 2016. Disponível em: <<https://www.mitografias.com.br/2016/07/a-historia-de-krishna>> Acesso em 04 fev. 2025

BRIZZI, Aldo; GIL, Gilberto. **Ópera Amor Azul**. YouTube. 3h20min32s. 23 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9PXV-pzJs7g>> Acesso em: 20 dez. 2024.

CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de. Representações, estranhamentos e encantos: olhares sobre a história do Movimento Hare Krishna na cidade de Caruaru - PE (1986-1996). **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**, Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios. Florianópolis, 27 a 31 jul. 2015.

CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de. O movimento Hare Krishna: algo novo ou uma antiga “tradição”? **Revista Diálogos**, Maringá, v.23, n.1, 2019, p. 193-212.

CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de; VALERA, Lúcio. **O Movimento Hare Krishna no Brasil: Estudos em Perspectiva**. Foz do Iguaçu: Editora Edunila, 2022, p. 79-124.

CARVALHO, Romero Bittencourt. Rādhā: a Deusa do amor e o centro devocional do Vaishnavismo bengali. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 27, n. 1, jan./jun. 2024, p. 30-43.

DUARTE, Rogério. **Álbum Canções do Divino Mestre**. Rio de Janeiro: Cart Records. CD, 1998.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.38-58.

GLOBO. **'Amor Azul': Salvador recebe ópera de Gilberto Gil com maestro italiano pela primeira vez**, 23 nov. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/11/23/amor-azul-salvador-recebe-opera-de-gilberto-gil-com-maestro-italiano-pela-primeira-vez.ghtml>> Acesso em 04 fev. 2025.

GIL, Gilberto. **Procissão**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1965. YouTube. 1min25s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mDXG7WHyLA4>> Acesso em: 19 jan. 2025.

GIL, Gilberto. **Retiros Espirituais**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1975> YouTube. 4min54s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9QcfO181F1g>> Acesso em: 19 jan. 2025.

GIL, Gilberto. **Oriente**. Rio de Janeiro: WEA, 1972. YouTube. 6min02s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3sMZmXXx0Rg>> Acesso em: 19 jan. 2025.

GIL, Gilberto. **Cérebro Eletrônico**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1969. YouTube. 3min32s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-J5gTpiI3KU>> Acesso em: 19 jan. 2025.

GIL, Gilberto. **Preciso aprender a ser só**. Rio de Janeiro: WEA, 1973. YouTube. 4min35s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OkXGPf5drXs>> Acesso em: 19 jan. 2025.

GIL, Gilberto; VELOSO, Caetano. **Andar com Fé**. Rio de Janeiro: WEA Discos, 1982. YouTube. 3min21s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FCleFrxbfM>> Acesso em: 19 jan. 2025.

GIL, Gilberto. **Minha Ideologia, Minha Religião**. Rio de Janeiro: WEA Discos, 1985. YouTube. 25s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l5b751stqxE>> Acesso em: 19 jan. 2025.

GIL, Gilberto. **Se eu quiser falar com Deus**. Rio de Janeiro: Warner, 1981. YouTube. 6min14s. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=4QfCtYytpY>> Acesso em: 19 jan. 2025.

GIL, Gilberto. **Afoxé**. Rio de Janeiro: Warner, 1982. YouTube. 4min02s. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=gbHNay68zZQ>> Acesso em: 19 jan. 2025

GIL, Gilberto. **Guerra Santa**. Rio de Janeiro: WEA, 1997. YouTube. 4min. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yhkk86tlkyg>> Acesso em: 19 jan. 2025

GIL, Gilberto. **Patiscada de Gandhi**. Rio de Janeiro: WEA, 1977. YouTube. 2min35s. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=2xXa6zAem1w>> Acesso em: 19 jan. 2025

GIL, Gilberto. **Babá Alapalá**. Rio de Janeiro: WEA, 1977. YouTube. 3min35s. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=0rmhlc6uNKw>> Acesso em: 19 jan. 2025

GUERRIERO, Silas. **O movimento Hare Krishna no Brasil**: a comunidade religiosa de Nova Gokula. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

GUERRIERO, Silas. O movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. **Revista Rever**, São Paulo, n. 1, 2001, p. 44-56.

GUERRIERO, Silas. Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do movimento Hare Krishna. **Revista Nures**, n. 12, maio/ago. 2009.

GONÇALVES, Delmo. Uma reflexão acerca da fé no imaginário religioso popular brasileiro a partir da música “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil. **Revista Teoliterária**, v.11, n.23, 2021.

TEIXEIRA, Faustino. Mistério na tessitura da Vida: A espiritualidade de Gilberto Gil. **Instituto Humanitas Unisinos**, 31 maio 2018. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/579491>> Acesso em 15 fev. 2025.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Religião, música e humanização em Rubem Alves. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 24, n.2, jul./dez., 2021, p. 67-75.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Esperança, música e imagem em mais uma prosa com Rubem Alves (e Nietzsche e Caetano Veloso). **Revista Sacrilégens**, Juiz de Fora, v.21, n. Edição Especial, 2024.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Milton Nascimento e a mística da libertação latino-americana. **Revista Interações**, Belo Horizonte, 2024

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Entre a saudade e o sonho: duas canções de Tom Jobim numa prosa com Rubem Alves. **Revista Caminhos**, Goiânia, v.21. n.2, 2023, p. 311–327.

MATA, Sérgio da. **História e religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.71-144.

NOVA GOKULA. **O Fundador**. Disponível em: <<https://www.novagokula.com.br/masterpage/content:sobre:acharyadeva.md>> Acesso em 17 fev. 2025.

OLIVEIRA, Roberto de. **Maior templo Hare Krishna da América Latina é refúgio para quem quer sossego em SP**, 25 ago. 2025. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1331678-maior-templo-hare-krishna-da-america-latina-e-refugio-para-quem-quer-sossego-em-sp.shtml>> Acesso em 05 fev. 2025.

QUINTETO VIOLADO; SWAMI, Chandramukha. **Choveu Mantra no Sertão**. São Paulo: Chandramukha Swami. Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/4ekhlSqqgqDDys5DXLNEN?si=S7MrpZAQTNO0GDVabwutwQ>> Acesso em 17 fev. 2025.

REIS, Nando. **Mantra**. Porto Alegre: Universal Music Group, 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WnltBv9nCro>> Acesso em: 19 fev. 2025.

SORROCE, Danilo Sérgio. A Poética de Gilberto Gil e a Religiosidade. **Revista Brasileira de Estudos da Canção**, Natal, n.2, jul./dez. 2012.

SOMBRA, Rodrigo. A reclusão de Rogério Duarte, mentor do tropicalismo. **O Globo**. 5 set. 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/a-reclusao-de-rogerio-duarte-mentor-do-tropicalismo-6099969>>. Acesso em 06 fev. 2025.